UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Faculdade de Educação Física
Cidade Universitária, Barão Geraldo, Campinas/SP

Bruno Maciel França

Homofobia no Esporte Universitário: percepção dos atletas

Campinas
2019

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Faculdade de Educação Física
Cidade Universitária, Barão Geraldo, Campinas/SP

Trabalho de Conclusão de Curso

Bruno Maciel França

Homofobia no Esporte Universitário: percepção dos atletas

Trabalho entregue à disciplina de seminário de monografia da Faculdade de Educação Física da Unicamp como requisito para avaliação.
Orientadora: Prof. Dr. Elaine Prodócimo

Campinas
2019

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação Física
Dulce Inês Leocádio - CRB 8/4991

França, Bruno Maciel, 1995-
F844h Homofobia no esporte universitário : percepção dos atletas / Bruno Maciel França. – Campinas, SP : [s.n.], 2019.

Orientador: Elaine Prodócimo.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

1. Homofobia. 2. Preconceito. 3. Esporte. 4. Esportes universitários. 5. Discriminação. I. Prodócimo, Elaine. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. III. Título.

Informações adicionais, complementares

Título em outro idioma: Homophobia in university sport: the athletes' perception
Palavras-chave em inglês:
Homophobia
Preconception
Sport
University of sports
Discrimination
Titulação: Bacharel
Banca examinadora:
Ivan Gimenes de Lima
Data de entrega do trabalho definitivo: 28-06-2019

COMISSÃO JULGADORA

Elaine Prodócimo

Orientadora

Ivan Gimenes de Lima

Banca Examinadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me deu energia e condições para realizar esse trabalho.

Agradeço à minha querida orientadora, sempre prestativa, grande apoiadora.

A todos que lutam contra a violência ao homossexual.

RESUMO

A homofobia se caracteriza pela discriminação, aversão, repugnância e ódio contra indivíduos homossexuais, bissexuais ou transgêneros, e, em todas as formas, apresenta violência. É cada vez mais visível na mídia e nas estatísticas oficiais ou não, os inúmeros casos de ataques e assassinatos ao grupo LGBT[1]. É notável a presença do preconceito aos gays inclusive nas escolas e universidades. O objetivo dessa pesquisa foi investigar e analisar a homofobia no esporte universitário sob a perspectiva de atletas e ex-atletas de uma faculdade de Educação Física de uma universidade pública do interior do Estado de São Paulo. A metodologia utilizada foi a aplicação e análise de questionário on line. De acordo com os/as respondentes, os agressores procuram características físicas e sociais dos atletas a fim de inferiorizá-los e estigmatizam modalidades esportivas, rotulando atletas como homossexuais por praticarem determinados esportes. A partir disso, concluiu-se que a homofobia está muito presente no esporte universitário em vários âmbitos, principalmente na torcida, assim, pode-se destrinchar a homofobia através dos seguintes subtítulos: masculinidade tóxica, torcida e homofobia, esportes estigmatizados, controle e punição da homofobia.

Palavras chave: Homofobia, preconceito, esporte universitário, violência, discriminação.

[1] LGBTQ: sigla do movimento de representividade aos marginalizados. Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transsexuais e *queer.*

SUMÁRIO

1. 82. 163.
193.1 Masculinidade Tóxica 18
3.2 Torcida e homofobia 21
3.3 Esportes Estigmatizados 24
3.4 Controle e Punição da homofobia 27
4. 32REFERÊNCIAS 31
APÊNDICE 35

1. INTRODUÇÃO

De acordo com levantamento da ANTRA[2] (2017), uma pessoa trans é assassinada a cada 48 horas no Brasil. É crescente o número de notícias como esta, referentes à violência sofrida por indivíduos LGBTQ no mundo, decorrente do preconceito e intolerância de muitos, em relação às pessoas homossexuais. Segundo um estudo divulgado pelo IFOP[3] (2018), mais da metade de pessoas (53%) que se assumem homossexuais, bissexuais ou transgêneros na França já foram vítimas de agressão homofóbica, entre insultos (28%), toques ou gestos de caráter sexual (24%), ameaças de revelar sua orientação sexual a familiares, colegas ou vizinhos (18%) e estupros (11%). Em vista desses fatos, a homofobia impede que homossexuais possam exercer livremente sua cidadania e viver em segurança.

Nas últimas décadas, têm-se visto, cada vez mais, alterações na organização da sociedade. Guattari (1972) propõe que o modelo da sociedade moderna, na qual predominava a distinção de classes e havia supervalorização da racionalidade ruiu e que estamos em transição para uma sociedade pós-moderna, na qual busca-se liberdade de expressão, a globalização e valoriza-se o hedonismo. Com o aumento do sentimento de liberdade, muitos indivíduos, inclusive pessoas publicamente conhecidas, passaram a assumir-se como homossexuais. A homossexualidade e suas relações em sociedade passam a ser pauta na atualidade.

No esporte, é notável a segregação de homens e mulheres, partindo de preposições e expectativas de gênero de que determinadas modalidades são adequadas para mulheres, e outras são restritas aos homens, ou que homens são mais fortes ou mais habilidosos que mulheres, que por sua vez são mais delicadas e graciosas que os homens. Além disso, indivíduos são rotulados de acordo com a modalidade que praticam, veem-se homens jogadores de vôlei, rotulados como *gays*, e mulheres que praticam futebol, intituladas lésbicas. Contudo, quando o atleta realmente se assume homossexual, o mesmo é discriminado e passível de agressões, tanto físicas quanto psicológicas, mas, na maioria das vezes, tais práticas não são denunciadas e se mantém impunes. “As homossexualidades,

[2] Associação Nacional de Travestis e Transexuais.
[3] Instituto Francês de Opinião Pública

sobretudo no campo esportivo, parecem ser consideradas demasiadamente indesejáveis ou intoleráveis para se tornarem notícia, mantendo-se, assim, sob o silêncio, como algo marcado para não ser percebido" (MOUILLAUD, 1997, p.38).

Para tratar do tema, é de suma importância "traduzir" alguns termos que apresentam sentido confuso ou até mesmo deturpado na nossa sociedade, como nota-se no uso das expressões *identidade sexual* e *identidade de gênero*. A primeira, resumidamente, pode ser definida como a forma com que a sexualidade é vivida, ou seja, se há ou não parceiros, se ele é do sexo oposto ou não, se a relação é única ou plural ou se o indivíduo é assexuado. Já a identidade de gênero remete à maneira a qual o sujeito é identificado na história e sociedade, ao modo que se apresenta, como masculino ou feminino (BRITZMAN, 1996).

Biologicamente, a partir dos órgãos sexuais, os seres são definidos em homem ou mulher, contudo, o gênero vai além do corpo, o mesmo é construído através de um processo histórico, é fruto do contexto (econômico, político, étnico, religioso) e permeado por relações sociais (LOURO, 1997).

Em nenhum momento, o gênero deve ser usado para limitar ou padronizar os sujeitos em algo estritamente masculino ou feminino, definindo o ser através de um padrão comportamental pré-definido. O gênero é um fator identitário dos indivíduos, e, sendo o ser humano constituído a partir do meio social em que está inserido, a identidade do mesmo, está em constante construção.

> O gênero deve ser visto e entendido como um fator integrante da identidade do sujeito, fator não conectado apenas ao papel exercido pelo indivíduo, mas também na construção do próprio sujeito. A religião, a nacionalidade, a classe social, o gênero, a etnia, cada constituinte identitário dialoga entre si, formando o sujeito, mas não enrijece ou pré-determina algum outro fator constituinte, podendo estes em certo momento se apresentar até mesmo de forma contraditória, tendo em vista que são instáveis, estando em constante construção, passíveis de mudança (LOURO, 1997, p.24).

Pode-se definir a heteronormatividade como uma cultura, presente em vários contextos sociais, na qual, é valorizado o heterossexual, aquele que apresenta identidade sexual e de gênero bem definidas, e tem gestos, discursos e valores dentro do "padrão" imposto biologicamente no nascimento (SOARES, 2016).

Muito falada, mas pouco compreendida, a homossexualidade, simplificadamente definida até mesmo pelo senso comum por “relações sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo”, é um tema com intermináveis definições:

> Um homem de Belém, por exemplo, pode tranquilamente manter relações sexuais com uma pessoa que considere uma bicha. Para ele não tem nada de diferente nessa atividade. Nem por isso ele é menos homem. Até poderia se considerar mais macho do que nunca. Da mesma forma, um jovem rapaz na cidade de São Paulo, poderia manter uma relação sexual com um senhor mais velho em troca de alguns cruzados. Como o nosso amigo paraense não é menos homem por isso e jamais se pensaria como homossexual, pode discordar com o jovem prostituto e afirmar que ele é homossexual, só que não sabe, não tem consciência. (FRY; MACRAE, 1985, p. 8 – 9)

Além disso, pode-se ver uma parte da população que não se identifica com o padrão sexual concebido no nascimento, que não se encaixa no conceito de masculino/feminino, trata-se do transexual. Para Petry (2011), o conceito de transexual têm duas vertentes, em que, na primeira, o indivíduo busca a intervenção cirúrgica e hormonal para mudança de sexo e na segunda, mantém-se o órgão sexual.

> Considerando a denominação biomédica, transexuais seriam aqueles indivíduos que se considerariam afetados por um transtorno envolvendo a sua identidade de gênero, o que significa, nessa linguagem diagnóstica, que eles não se reconhecem no corpo com o qual vivem, podendo apresentar, inclusive, aversão intensa ao seu sexo biológico. No âmbito do referido discurso, indivíduos transgêneros poderiam ser considerados como “falsos transexuais” ou travestis, porque estes indivíduos, apesar de manifestarem o que, ali, se reconhece como incongruência entre sexo e gênero, constroem seus corpos de acordo com o gênero desejado e vivem como homens e/ou mulheres, ou atravessam constantemente estas fronteiras, sem almejar a cirurgia de mudança de sexo. (PETRY, 2011, p 194.)

Ainda, nessa mesma pluralidade, vê-se um público que se considera “marginal”, e que se opõe à normalização, os *Queer,* que não se adéquam à heteronormatividade, contudo, discutem com o padrão homossexual.

> Esse termo, com toda a sua carga de estranheza e de deboche, é assumido por uma vertente dos movimentos homossexuais precisamente para caracterizar sua perspectiva de oposição e de contestação. Para esse grupo, queer significa colocar-se contra a

> normalização – venha ela de onde vier. Seu alvo mais imediato de oposição é certamente a heteronormatividade compulsória da sociedade; mas não escaparia de sua crítica a normalização e a estabilidade propostas pela política de identidade do movimento homossexual dominante. Queer representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada, e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora. (LOURO, 2004. P. 38)

O filósofo Michel Foucault (1985), coloca que os períodos históricos produzem discursos legitimados, e que, muitas vezes, o poder reside nas relações sociais. Para ele, a sexualidade é um dispositivo regulatório na construção das subjetividades, a fim da disciplinarização das sociedades. Contudo, na formulação de tais discursos, entram diversas concepções religiosas, científicas e jurídicas, instituindo padrões de normalidade, e, indivíduos que fogem do padrão vigente, assim como homossexuais, mendigos, doentes mentais, ou qualquer pessoa com um caráter diferente do instituído, seria segregado e estudado, para que o mesmo fosse trazido à normalidade.

Bordieu (1999) nos apresenta, de forma crítica, uma noção de classificação dos indivíduos, puramente pautada em seu sexo, opondo masculino/feminino, sendo esta oposição análoga e relacionada a outras: forte/fraco; grande/pequeno; acima/abaixo; dominante/dominado. E, partindo dessa visão machista de sociedade, o gay, por sua condição, não está dentro do padrão heteronormativo, por se relacionar com parceiros do mesmo sexo e, muitas vezes, apresentar trejeitos afeminados. Pode-se definir a heteronormatividade como uma cultura, na qual, é valorizado o heterossexual, aquele que apresenta identidade sexual e de gênero bem definidas, e tem gestos, discursos e valores dentro do “padrão” imposto biologicamente no nascimento (SOARES, 2016).

Nesse mesmo viés, podem-se relacionar os termos ativo/passivo que trazem consigo a heterossexualidade como norma, e dispõe homens e mulheres segundo a “natureza”, na qual o homem é forte, viril e responsável, portanto, ativo, já a mulher, indefesa e submissa aos desejos masculinos, sendo assim, passiva. A partir da perturbação da ordem operada por uma relação homossexual, os homossexuais são invisibilizados e estigmatizados socialmente, rotulados anormais e indignos de convívio social como forma de garantir a ordem heteronormativa (ANJOS. 2000, p.3).

> A sexualidade adquiriu em certo momento o papel de atuar como reguladora social, um variado conglomerado heterogêneo de práticas sociais e ideias, juntamente com outros constituintes da regulação social, como proposições filosóficas e morais, instituições normalizadoras, formam os processos responsáveis pela criação de sujeitos normais, bem adaptados, e hegemônicos, e consequentemente, define os outros sujeitos como anormais, ilegítimos, indignos de pertencer a tal núcleo social. (MISKOLCI 2007, p.3)

A mesma liberdade anteriormente mencionada, que dispôs os homossexuais a assumirem-se publicamente, também fez com que os preconceitos e os preconceituosos se manifestassem em relação e essa exposição das diferentes identidades de gênero. De acordo com o dicionário de língua portuguesa Michaelis (2019), define-se preconceito como “conceito ou opinião formados antes de ter os conhecimentos necessários sobre um determinado assunto” ou mesmo como “opinião ou sentimento desfavorável, concebido antecipadamente ou independente de experiência ou razão; prevenção”.

Segundo Bandeira (2002), a definição de preconceito ainda é obscura, contudo considera o mesmo como uma mola central e o reprodutor mais eficaz da discriminação e da exclusão, portanto, gerador de violência.

> O preconceito, assim, constitui-se em um mecanismo eficiente e atuante, cuja lógica pode atuar em todas as esferas da vida. Os múltiplos preconceitos de gênero, de cor, de classe, etc. têm lugar tipicamente, mas não exclusivamente, nos espaços individuais e coletivos, nas esferas públicas e privadas. Fazem-se presentes em imagens, linguagens, nas marcas corporais e psicológicas de homens e de mulheres nos gestos, nos espaços, singularizando-os e atribuindo-lhes qualificativos identitários, hierarquias e poderes diferenciais, diversamente valorizados, com lógicas de inclusões-exclusões consequentes, porque geralmente associados a situações de apreciação-depreciação/desgraça (BANDEIRA, 2002, p.127).

Na maior parte das vezes, as vítimas do preconceito têm sua autoestima e condição sócio-moral drasticamente afetadas. Para Goffman (1988) o preconceito se contrapõe às qualidades de caráter, como lealdade, compromisso, honestidade, propósitos que afirmam valores atemporais e regras éticas.

No caso em questão, o preconceito manifesta-se na forma da homofobia, a qual entendemos pelo medo, aversão, descrédito e ódio a gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais, de modo a desvalorizá-los por não performarem seus gêneros (BUTLER, 2003) discriminando o indivíduo por não exercer a função cultural atribuída aos seus corpos.

Homofobia é caracterizada pela aversão e ódio por homossexuais ou por qualquer atitude afetiva entre dois homens (que podem ser heterossexuais), contudo, Nigro, et al. (2018) relaciona o homofóbico aos mecanismos de defesa do ego de Freud, em que, alguns indivíduos que reprimem seus desejos homossexuais, têm necessidade de atacar aquele que expressa livremente sua sexualidade.

> Segundo o conceito de mecanismos de defesa do ego de Freud (1936), o mecanismo de projeção (no qual o indivíduo odeia no outro aquilo que não suporta em si mesmo) apoiado pelo mecanismo de negação (que consiste em negar algo que seja doloroso demais para o ego suportar) e repressão (que atua afastando do consciente o que o ego não é capaz de lidar) pode explicar que a manifestação da homofobia realmente pode se dar em decorrência de o indivíduo homofóbico reprimir essa faceta de sua própria sexualidade. (NIGRO, et al. 2018, p.11)

A homofobia se expressa por meio de agressões verbais e/ ou físicas a sujeitos que resistem a se adequar ao padrão heteronormativo. Por conta desse fenômeno, é crescente a incidência de casos de agressão, tanto física quanto psicológica, e tentativa de exclusão, contra pessoas que são consideradas diferentes ou fora do padrão aceito (heteronormatividade). Complementando o já exposto, a homofobia envolve, além dos sentimentos de ódio e desprezo ao homossexual, atitudes violentas contra essas pessoas por desafiarem padrões identitários de gênero, como afirma Junqueira (2007, p.60):

> Um conjunto de emoções negativas (tais como aversão, desprezo, ódio, desconfiança, desconforto ou medo), que costumam produzir ou vincular-se a preconceitos e mecanismos de discriminação e violência contra pessoas homossexuais, bissexuais e transgêneros (em especial, travestis e transexuais) e, mais genericamente, contra pessoas cuja expressão de gênero não se enquadra nos modelos hegemônicos de masculinidade e feminilidade. A homofobia, portanto, transcende a hostilidade e a violência contra LGBT e associa-se a pensamentos e estruturas hierarquizantes relativas a padrões relacionais e identitários de gênero, a um só tempo sexistas e heteronormativos.

A homofobia se apresenta na sociedade como um todo, no caso dessa pesquisa, o campo escolhido para estudo foi o esporte universitário. A seguir discorreremos sobre o esporte universitário.

Em Dicionário de Educação Física e do Esporte, Barbanti (1994, p.231), define o esporte universitário como:

> uma forma de esporte institucional que oferece atividade física para os membros da universidade/faculdade. Enquanto que a maior parte dos esportes oferecidos são recreativos, existem também esportes competitivos nos quais os estudantes podem participar através de competições amistosas e competições estaduais (promovidas pelas federações universitárias) e nacionais, promovidas pela CBDU[4].

Com forte cunho social, o esporte universitário é um fenômeno que supre as necessidades de intercâmbio e integração física, cultural e social dos universitários (HATZIDAKIS, 1993). O esporte universitário deve visar o lazer e bem-estar dos estudantes, colaborando para sua formação social, estimulando a cooperação, coletividade e formação de lideranças (COELHO, 1984).

De acordo com a CBDU (1991) a primeira competição universitária de nível internacional reconhecida pela Federação Internacional do Desporto Universitário– FISU, foi a regata de remo entre as Universidades de Oxford x Cambridge na Inglaterra, realizada em 1829. No Brasil, essa prática, sempre foi iniciativa dos próprios universitários, segundo Coelho (1984), surgindo no final do século XIX, no College Mackenzie (São Paulo), na Faculdade de Medicina e Cirurgia (Rio de Janeiro) e na antiga Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Em 1900, o College Mackenzie disputou campeonatos de futebol e outros esportes com seus times formados por estudantes.

Segundo Hatzidakis (1993), o esporte universitário é subdividido nas seguintes modalidades:

1- Esporte Universitário de Rendimento: praticado pela elite esportiva das universidades, que engloba atletas com objetivo de participar de competições interuniversidades, e campeonatos oficiais das Federações Universitárias Estaduais e pela Confederação Brasileira de Desportos Universitários-CBDU;
2- Esporte Universitário de Participação: praticado por qualquer aluno, voluntariamente, sem seleção prévia, em competições internas ou atividades esportivas recreativas com outros alunos;

[4] Confederação Brasileira do Desporto Universitário.

3- Esporte Universitário Educacional: praticado nas instituições de ensino superior por meio da Educação Física Curricular ou nas Entidades Acadêmicas Esportivas (Associações Atléticas Acadêmicas, Clubes Acadêmicos, Departamentos Esportivos de Centros ou Diretórios Acadêmicos).

As Associações Atléticas Acadêmicas (AAAs) ou simplesmente “Atléticas” são organizações estudantis de caráter esportivo. Estas instituições têm como principal objetivo promover o esporte no âmbito universitário, através de jogos e competições. (OLIVEIRA, 2016, p.10)

De acordo com o decreto-lei nº 3617, artigo II:

> I Haverá em cada estabelecimento de ensino superior, uma associação atlética acadêmica, constituída por alunos, e destinada à prática de desportos e à realização de competições desportivas. A associação atlética acadêmica de cada estabelecimento de ensino superior estará anexa ao seu diretório acadêmico, devendo o presidente daquela fazer parte deste. (BRASIL, Decreto-Lei nº 3.617)

Conhecendo esse cenário, o objetivo dessa pesquisa, é investigar e analisar a homofobia no esporte universitário sob a perspectiva de atletas e ex-atletas de uma faculdade de Educação Física de uma universidade pública do interior do Estado de São Paulo. Escolheu-se esse público, por conta da facilidade de acesso do pesquisador aos entrevistados, e à ampla gama de esportes presentes na universidade em questão.

Tendo em vista a escassez de trabalhos com essa temática, e a relevância do tema, faz-se de grande importância tal pesquisa, colaborando para dar visibilidade à luta dos indivíduos que são vítimas de homofobia no âmbito universitário.

2. **METODOLOGIA**

Para atingir o objetivo de investigar e analisar a homofobia no esporte universitário, a pesquisa foi realizada por meio de revisão e análise bibliográfica da temática e aplicação de questionário com atletas e ex-atletas de diferentes modalidades esportivas, tanto esportes coletivos, quanto individuais, de uma faculdade de Educação Física de uma universidade pública do interior do estado de São Paulo. Com o intuito de considerarmos os diferentes pontos de vista entre as pessoas envolvidas com a pesquisa, utilizamos como fonte de informação um questionário com perguntas abertas. Caracterizando-se como pesquisa qualitativa, que, de acordo com Thomas e Nelson (2002, p. 322):

> A pesquisa qualitativa tem como foco a "essência" do fenômeno. […] Os objetivos são primeiramente a descrição, a compreensão e o significado. O pesquisador não manipula as variáveis por meio de tratamentos experimentais, mas se interessa mais pelo processo do que pelo produto. O pesquisador observa e coleta os dados no campo, isto é, no ambiente natural.

Inicialmente, participariam da pesquisa, atletas que foram convidados por meio de mensagens em grupos de *whatsapp* das diferentes modalidades esportivas, a partir da divulgação pelos técnicos das mesmas, contatados junto à Associação Atlética da referida faculdade. Mesmo com a facilidade de acesso aos atletas houve baixa adesão dos mesmos por meio desse recurso, buscou-se as redes sociais, no caso o *facebook* para uma para maior divulgação e alcance desses atletas. Contudo, por essa rede social, ex-atletas formados pela mesma faculdade se manifestaram, interessados em participar do projeto, e essa participação foi permitida. Após adesão ao convite para participar do estudo, foi disponibilizado um link na plataforma *Google Forms* para preenchimento do questionário. No mesmo link foi inicialmente apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 1), e, após a aprovação do termo, o questionário foi respondido pelos participantes. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa sob parecer CAE de nº 99776918.6.0000.5404.

O tempo disponibilizado para o encerramento das respostas dos interessados foi de 90 dias, entre dia 10 de dezembro de 2018 e 10 de março de 2019.

Segue o instrumento utilizado no estudo:

Questionário: HOMOFOBIA NO ESPORTE UNIVERSITÁRIO: percepção dos atletas

1- Idade

2- Como você se identifica em relação à orientação sexual

( ) heterossexual - ( ) homem ( ) mulher

( ) homossexual - ( ) gay ( ) lésbica ( ) bissexual ( ) transexual ( ) outros

3- Há quanto tempo pratica esporte na universidade?

4- Qual modalidade pratica?

5- Já presenciou ou sofreu situações de homofobia no contexto esportivo universitário? Se sim,

- em qual situação?

- qual foi sua atitude diante do fato?

- qual foi a repercussão do acontecimento?

6- Seu/sua treinador/a soube do fato?

Se sim, que atitude foi tomada?

7- O que você pensa sobre a homofobia no esporte universitário?

Participaram da pesquisa 40 indivíduos, com idades entre 19 e 41 anos, que declararam-se: 19 homens heterossexuais, 4 homens gays, 3 mulheres heterossexuais, 9 mulheres lésbicas e 5 pesquisados se identificaram como bissexuais. Sobre as modalidades praticadas pelos entrevistados, destacam-se o handebol (25%), seguido pelo futsal (15%) e voleibol (15%), e em menor proporção vê-se o basquete, futebol de campo, tênis de mesa e natação.

Na universidade em questão, a prática esportiva é muito presente e existem várias associações atléticas acadêmicas, sendo que cada uma abrange um curso, promovendo o esporte para os estudantes e propiciando treinos e eventos esportivos para eles. São oferecidos treinos em diversas modalidades esportivas, entre elas, basquete, handebol, futsal, voleibol e futebol de campo, ambos, tanto feminino quanto masculino. Além de partidas e competições internas na universidade, algumas equipes participam de torneios mais representativos como o

JUEF (jogos universitários de educação física) e o JUV (jogos universitários do Vale do Paraíba).

As informações obtidas foram analisadas por meio de categorização resultante do levantamento das TEMÁTICAS TRAZIDAS de acordo com cada ponto abordado no instrumento. Os/as participantes foram identificados por números e, na apresentação dos resultados os excertos dos questionários foram destacados em itálico a fim de diferenciá-los do restante do texto.

3. **RESULTADOS**

A partir da análise dos questionários, constatou-se que 55% dos/das entrevistados/as já presenciaram ou sofreram com situações de homofobia no esporte universitário, e, na maioria das respostas, é notável que tais agressões se deram, principalmente, por meio de xingamentos e ofensas direcionadas aos/às atletas homossexuais, sendo notadas, algumas vezes, durante os treinos, contudo grande parte das ocorrências deu-se em competições.

De acordo com os/as respondentes, os/as agressores/as procuram características físicas e sociais dos/as atletas a fim de inferiorizá-los/as e estigmatizam modalidades esportivas, rotulando atletas como homossexuais por praticarem determinados esportes.

Com as respostas dos entrevistados, pode-se delinear algumas categorias, nas quais analisamos como a homofobia é notada no âmbito esportivo universitário e quais suas consequências na perspectiva dos/das atletas e ex-atletas participantes do estudo. São elas: *Masculinidade tóxica; Torcida e homofobia; Esportes estigmatizados; e Controle e punição da homofobia*.

3.1 Masculinidade Tóxica

Na análise das respostas da pesquisa, pode-se ver que grande parte dos/as entrevistados/as foi afetada pela *masculinidade tóxica* no esporte universitário, em que, muitas vezes, o agressor age com machismo e preconceito, a partir de discursos ofensivos estereotipados destinados aos atletas.

> *“Eu e uma amiga minha treinamos um time de futebol de campo masculino. Por ela ter o cabelo curto e usar roupas "masculinizadas", em determinado jogo ela sofreu homofobia do time adversário” (Respondente 4).*
>
> *“É muito mais usual utilizar como escudo ser uma "brincadeira", principalmente em esportes extremamente machistas como futebol, onde às vezes até se esconde a sexualidade por medo de repreensão.” (Respondente 30).*

Para Confort (2016) a masculinidade tóxica é apresentada em atitudes estritamente repressivas, que definem a masculinidade como violência, sexo e poder, e, esboçar emoções é sinal de fraqueza.

Ao longo da história da humanidade, a hegemonia masculina foi constantemente delineada, como na era pré-histórica, quando o homem saía para caçar e trazer o sustento para a família, enquanto a mulher, “mera” procriadora, ficava cuidando da casa e das crias. Saltando para o período clássico, Godoi (2018), coloca que os machos duelavam para demonstrar sua força, buscando ascensão, enquanto as mulheres eram educadas para servir ao mundo masculino.

> Se em Esparta elas tinham direito a prática de exercícios físicos, é necessário analisar o porquê. O direito às atividades físicas necessárias à vida saudável, não representava uma preocupação direta das autoridades com o bem-estar da mulher, objetivava apenas, capacitá-las à procriação de meninos saudáveis, futuros homens robustos destinados à formação do Exército Espartano (GODOI, 2018. p.4).

Até os dias atuais, o reflexo do poder masculino é visto nas desigualdades no mercado de trabalho, no machismo, no desrespeito às mulheres e na homofobia em vários âmbitos sociais. Tais comportamentos, como a violência e a repressão de sentimentos afetivos são algumas das características da “masculinidade tóxica”.

Quando uma mulher grávida faz um ultrassom para descobrir o sexo do seu filho/a, inicia-se uma certa expectativa, que gera uma cobrança, para que a criança, a partir da sua condição sexual, apresente determinados comportamentos estereotipados pertinentes à seu sexo, meninos usam azul e brincam de carrinho, e meninas usam rosa e brincam de boneca. Desde a infância, o homem é estimulado a ter atitudes violentas, seja por meio das brincadeiras, dos brinquedos (arma, espada, escudo), dos jogos e esportes que praticam (BROUGÈRE, 2008).

Se um menino chora na escola ele é “viadinho” ou “bichinha”, se ele é ameaçado por alguma desavença, ele deve brigar e bater no seu colega e apanhar até virar homem, posteriormente, quando adulto, esse homem pode acabar agredindo sua companheira ou mesmo outra pessoa do seu convívio por ter sido educado para isso (SILVA, 2014).

Através desse histórico machista, Silva (2000) coloca que, por muito tempo, as mulheres e os homossexuais *gays* foram considerados homens invertidos, pois, o órgão genital da mulher era pensado como se possuísse características correspondentes ao órgão sexual masculino, porém interiorizados. Já os *gays*, eram rotulados anormais, e a homossexualidade, considerada uma patologia pelo fato de não obedecer ao padrão heteronormativo (FOUCAULT, 1984). A sexualidade anormal do *gay* colocava em risco os planos de procriação e por essa razão, ameaçava a instituição família. Durante o crescimento de um garoto, muito antes do caráter do mesmo, o que importava era se ele apresentava algum sinal de afeminação, e isso deveria ser sanado (OLIVEIRA, 2004).

Pelo fato de os homens serem considerados superiores, no ato sexual, apenas eles precisam ter prazer, e para isso, a mulher deveria ter orgasmo (até mesmo fingir) para reafirmar a virilidade do mesmo. Essa relação de submissão e subordinação da mulher em relação ao homem é um estopim para os casos de assédio sexual e estupro, quando o homem busca simplesmente atestar o seu poder (ativo) superior ao da vítima (passiva) (BOURDIEU, 2002).

Em uma vídeo propaganda[5], uma marca de produtos de higiene pessoal coloca em cheque os comportamentos masculinos estereotipados, como o assédio sexual e a agressividade, mostrando garotos fugindo em cenas machistas, e incentiva os homens à educarem seus filhos, dando a devida atenção aos seus sentimentos e particularidades**.**

De fato, esses padrões de masculinidade construídos historicamente são prejudiciais tanto para os homens que são pressionados a adequarem seus comportamentos e aspirações às imposições da sociedade, quanto para as mulheres e homossexuais, que sofrem os reflexos violentos de um ideal social deturpado.

> A homofobia funciona como mais um importante obstáculo à expressão de intimidade entre homens. É preciso ser cauteloso e manter a camaradagem dentro de seus limites, empregando apenas gestos e comportamentos autorizados para o 'macho'" (LOURO, 2001, p. 28).

[5] **We Believe: The Best Men Can Be | Gillette**

3.2 Torcida e homofobia

Ao descrever as situações de homofobia presenciadas, os/as respondentes, em sua maioria, colocam que, na maioria das vezes, a violência vem das arquibancadas, principalmente da torcida do time adversário, e a mesma é banalizada a partir de xingamentos, gritos de guerra e cânticos preconceituosos.

> *“Durante jogos, pessoas da torcida adversária chamando jogadores do time de viadinho. Até mesmo por insegurança acabei não fazendo nada, pois eram do time adversário. Geralmente situações desse tipo são naturalizadas e ficam por isso mesmo.” (Respondente 15)*

É notável que, na maior parte das torcidas esportivas, os padrões ditos heteronormativos estão em evidência, e, em tais locais, é muito presente a subversão, o machismo, o preconceito de gênero e a homofobia, apresentados de formas muito violentas (ANJOS, 2015). Tal padrão de comportamento foi percebido e relatado por 37% dos entrevistados nesse trabalho. Foi registrado, que os/as torcedores/as fazem uso principalmente da violência verbal, menosprezando os atletas pela sua condição física e/ou aparência, através de julgamentos estereotipados.

> *“Na tentativa de me ofender/diminuir, a torcida adversária me chamou de palavras de cunho homofóbico, como ‘viadinho’, ‘viado’ e ‘bixa’. A minha resposta foi olhar e ignorar. Ao final da partida fui próximo a esse grupo e falei: "viado não é uma ofensa para mim não, se quiser me diminuir vai ter que se esforçar mais". (Respondente 11)*

Elias e Dunning (1992) nos colocam que o esporte moderno foi criado como mecanismo de autorregulação e autocontrole, dessa forma, o primeiro intuito foi o controle das emoções da sociedade, através de regras pré-estabelecidas nos jogos esportivos, civilizando os povos.

> Os autocontroles individuais autônomos criados dessa maneira na vida social, nesse momento se interpõem mais severamente do que nunca entre os impulsos espontâneos e emocionais por um lado, e os músculos do esqueleto, por outro, impedindo mais eficazmente os primeiros de comandar os segundos (isto é, pô-los em ação) sem a permissão desses mecanismos de controle. (ELIAS; DUNNING. 1992, p. 237)

Pode-se ver que o esporte emergiu da violência, para o controle físico da mesma, contudo, tal violência não se limita apenas aos atletas, esta excede o campo e vai até às arquibancadas, onde vê-se, cada vez mais, atos de grande brutalidade. Segundo Anjos (2015), na plateia as pessoas estão expostas a um frenesi, são tomadas por uma variedade de sentimentos, que não dependem somente da partida esportiva. A plateia sempre foi atraída pela violência, como há séculos, multidões se reuniam para assistir confrontos de gladiadores, que guerreavam até a morte.

> É pertinente apontar que uma série de práticas que seriam hoje, no contexto em que vivemos, consideradas intoleráveis, como combates entre humanos e animais ou o enforcamento público, já foram formas de divertimento em tempos antigos. Outras dinâmicas de violência, por sua vez, ainda que disfarçadas, ainda hoje são legitimadas como diversão, indicando a complexidade e aparente incoerência de nossos padrões de civilidade. Nesse sentido, posso citar programas veiculados na mídia que expõe imagens de assassinatos e os combates de MMA (ANJOS, 2015, p.18)

É visível, que os/as pesquisados/as, percebem a violência nas torcidas, e que na maior parte das vezes, essa está explícita em xingos direcionados aos atletas. Em seu trabalho, Toledo (1993) fala sobre a violência verbal e os xingamentos nos estádios de futebol entre as torcidas, coloca que esses comportamentos são reflexos do meio social em que o torcedor/a está inserido, e relata, que, muitas vezes, os mesmos são apresentados até em forma de cânticos e gritos de guerra, o que favorece a naturalização e disseminação das ofensas, não só no futebol, mas na maioria dos esportes onde a plateia se faz presente.

> Satíricos, jocosos, ofensivos, grotescos, engraçados, alguns criativos, enfim, estes cantos e gritos de guerra traduzem uma série de visões do outro expressas nesses padrões de comportamento verbal típicos entre torcedores de futebol. Para além da gratuidade e obviedade das agressões disparadas das arquibancadas, como pensam alguns, os duelos verbais travados entre torcedores devem ser compreendidos dentro de uma trama ritual de significações simbólicas, filtradas e codificadas em músicas e versos, a partir de temas e pares e oposição mais recorrentes na própria sociedade. (TOLEDO, 1993, p.23).

Dessa forma, para os/as torcedores/as, atacar o adversário aparece como algo memorável, e as arquibancadas aparecem como locais permissivos para excessos (BANDEIRA, 2013). Os insultos de cunho homofóbico passam a ser mais comuns e mais aceitos nas torcidas, o que banaliza a violência direcionada aos homossexuais, o que gera, muitas vezes, nos atletas, uma sensação de medo e impotência, tendo em vista a disseminação dos insultos entre os espectadores. “Homens sozinhos, sem outras pessoas para apoiá-los, nunca tiveram poder suficiente para usar da violência com sucesso” (ARENDT, 2009, p. 68).

No dia 15 de maio de 2003, surge a lei nº 10671, popularmente conhecida como o estatuto do torcedor, na qual se definem algumas regras para normatizar o ato de torcer, e delinear os direitos e deveres do torcedor. Contudo, em relação à violência, no capítulo 4, artigo 13A, o estatuto coloca:

> II - não portar objetos, bebidas ou substâncias proibidas ou suscetíveis de gerar ou possibilitar a prática de atos de violência;
>
> IV - não portar ou ostentar cartazes, bandeiras, símbolos ou outros sinais com mensagens ofensivas, inclusive de caráter racista ou xenófobo;
>
> V - não entoar cânticos discriminatórios, racistas ou xenófobos;
>
> VIII - não incitar e não praticar atos de violência no estádio, qualquer que seja a sua natureza (BRASIL, 2003).

Entretanto, vendo que o Brasil é considerado “país do futebol” e que a modalidade traz movimentação econômica para o país, Santos (2000) observa que tais leis foram elaboradas para organizar e globalizar o mercado futebolístico. “Há uma forte inclinação a se pensar o futebol como um grande negócio e os torcedores como consumidores” (SANTOS, 2000, p. 66). Dessa forma, pode-se perceber, que tais leis não se aplicam tão fielmente às outras modalidades.

Alguns pesquisados/as, que sofreram ou presenciaram homofobia nas torcidas, relataram o ocorrido, colocando que, na maioria das vezes, nenhuma medida é tomada, e, caso contrário, a medida não gera consequência alguma ao praticante do ato violento, a mesma é ineficaz.

> *“Durante o jogo de hand a goleira sofreu comentários homofóbicos da torcida. Durante a partida ignoramos o acontecimento e depois fomos falar com o responsável da atlética da torcida.” (Respondente 2)*

> *“Durante partidas em campeonatos internos ou externos (principalmente) à universidade, as torcidas adversárias costumam utilizar algumas características dos atletas para inferiorizá-los. (Respondente 5)*
>
> *“Agressões de equipes adversárias, em situações que eu estava em destaque na atuação. Foi pedir atuação da equipe de arbitragem frente ao ocorrido e registro em súmula. Mas principalmente nas torcidas em jogos universitários, em que as agressões e o modo de torcer repete a forma tradicional das torcidas, trazendo as questões de sexualidade como fator de enaltecer ou denegrir atletas, arbitragem ou a torcida adversária, sendo muito presente nas músicas e cânticos. A atitude diante dos fatos com a torcida, foi de problematizar os hinos em alguns momentos em que tive oportunidade.” (Respondente 17)*

A partir da leitura dos regulamentos de jogos universitários de vários estados, não se encontrou nenhum tópico que tratasse a torcida e a violência. Outra indagação é que não consta a homofobia em nenhum inciso da lei do estatuto do torcedor, algo preocupante e que necessita de maiores estudos.

3.3 Esportes Estigmatizados

Outro ponto importante para ressaltar nessa pesquisa, é que, respondentes colocaram que, em algumas modalidades há uma correlação entre prática e gênero, e alguns esportes são ditos como esporte de “viadinho” ou de “sapatão”.

> Outro tipo de preconceito relevante a ser citado no esporte é a diferença de gênero, já que o âmbito esportivo é marcado por grandes distinções entre modalidades que devem ser predominantemente praticadas por homens e por mulheres, como, por exemplo o futebol somente para homens e a ginástica somente para mulheres. (FERNANDES, 2016. P. 22)

Quando perguntado o que o/a pesquisado/a pensa sobre homofobia no esporte universitário, obteve-se respostas como:

> *“Nunca senti dentro dos treinos, porém na sociedade quando se afirma que é ginasta.” (Respondente 20)*
>
> *“Ainda é muito presente principalmente em esportes considerados “afeminados” como vôlei e handebol, os insultos homofóbicos ainda se fazem muito presentes, mas, em sua maioria, não geram grandes consequências no jogo. Em relação a atletas gays, pouco presenciei dentro do próprio time*

> *ou fatos que os abalassem, talvez guardem pra si e não demonstrem e, apesar de tudo, acredito que essas pequenas atitudes devem aos poucos sumir e, dessa maneira, gestos homofóbicos vão ser menos aceitos cada vez mais, é um trabalho em conjunto que vem dos atletas e que atingirão cada vez mais pessoas." (Respondente 24)*
>
> *"A homofobia sempre existiu, principalmente no vôlei, porque as pessoas que praticam e são heterossexuais querem deixar claro sua sexualidade fazendo piadas e oprimindo outras pessoas." (Respondente 13)*

Anjos (2015) cita um episódio, no qual um jogador de voleibol é xingado e desprestigiado pela torcida com ofensas de cunho homofóbico, tal acontecimento foi muito noticiado no jornalismo esportivo, contudo, a única medida judicial tomada, foi aplicação de multa para a equipe da torcida agressora.

> No dia primeiro de abril de 2011, no Ginásio Poliesportivo do Riacho, em Contagem, Minas Gerais, as equipes Sada Cruzeiro (MG) e Vôlei Futuro (SP) se enfrentavam no primeiro jogo da semifinal da Superliga Masculina de Vôlei. Havia grande expectativa por ambos os lados, pois o vencedor do embate de três jogos garantiria, pela primeira vez, uma vaga na final do torneio. Não foi, contudo, o esperado confronto dentro de quadra que marcou os noticiários esportivos nos dias que se seguiram, mas sim as manifestações vindas das arquibancadas. Durante o jogo, um coro praticamente uníssono de torcedores da equipe mineira ofendia constantemente o jogador adversário Michael, fazendo uso de expressões homofóbicas (ANJOS, 2015, p.12)

Pode-se, também, citar o futebol feminino, sobre o qual, em 1941, foi aprovado o decreto-lei nº 3.199/41 (BRASIL, 1941) que proibiu as mulheres de praticarem o esporte, pois a saúde feminina deveria ser mantida, a fim de não colocar em risco a procriação. No início dos anos 80 as mulheres puderam voltar a praticar o futebol e mostrar o potencial futebolístico feminino. Em 1991 ocorreu a primeira Copa do Mundo de Futebol Feminino e apenas em 1996 se tornou esporte olímpico e em 2019 terá o torneio televisionado a exemplo do que ocorre com o futebol masculino. Knijnik (2010) coloca que o futebol é um esporte com muitos valores simbólicos masculinos e o androcentrismo é naturalizado.

> *"No futsal, um garoto de fora veio comentar comigo que todas as meninas pareciam machos e não serviriam pra namorar". (Respondente 6)*

Alguns entrevistados/as não percebem a homofobia, ou, acreditam que ela esteja naturalizada por conta do estereótipo depositado sob algumas modalidades.

> *“Acredito que nos esportes que pratico há uma naturalização da presença de lésbicas, pois nos dois times essa orientação sexual é maioria. Mas identifico em muitos esportes masculinos a presença de piadas, brincadeiras relacionadas ao assunto. Nunca presenciei uma atitude homofóbica nas práticas.” (Respondente 1)*

Para Fernandes (2016), alguns esportes são feminizados por conta das exigências físicas, como a ginástica e a dança.

> Além disso, os homens que optam por esportes considerados femininos, como a dança e as ginásticas, também são julgados com tais nomes. Isso se deve, talvez, pela exigência de expressão, sensibilidade, flexibilidade, delicadeza, bem como as roupas típicas do balé que são coladas ao corpo. O homem que dança ou pratica outra modalidade que foge dos modelos culturais impostos acaba não sendo considerado como um verdadeiro homem, sendo comumente associado à homossexualidade. (FERNANDES, 2016, p.26)

Louro (1999) mostra que, a partir do século XVIII fica mais delineada a distinção dos papéis sociais de homens e mulheres, sendo que o papel do homem era muito valorizado, assim, “aqueles que rompessem com as expectativas sociais do que era considerado ser um homem eram categorizados como não sendo homens de verdade” (p.48). De fato, o esporte ainda é muito estigmatizado, e, com isso, atletas se habituam ao preconceito, e tais práticas passam a ser aceitas como normais em alguns esportes, em que a demanda física requerida na modalidade “dita” a sexualidade do praticante.

Muitas vezes, atletas evitam ou desistem de algumas modalidades por receio de serem rotulados. Em seu estudo, Alexandre (2015) trata com alunos do ensino médio de uma escola paranaense sobre a questão de tabus e esportes masculinizados e feminizados, e como resultado de uma pergunta sobre a existência de esportes para homens ou para mulheres ela encontra:

> No entanto, houve muita contradição quando os mesmos indivíduos da amostra foram questionados de forma a descrever esportes “masculinizados e feminilizados”. Somente 20% dos/as

> entrevistados/as reafirmaram que os esportes são indiferentes em relação ao gênero. Enquanto o restante da amostra citou como esportes masculinos, aqueles que oferecem bastante contato físico, exigência de força, como futebol americano, hóquei, levantamento de peso. A ginástica foi o esporte mais citado para mulheres.

A escola é um ambiente plural, e para Bandeira e Hulz (2010) deve estar atualizada com a demanda cultural atual e criar medidas para conter o preconceito e a discriminação sexual, nessa ideia incluídos a universidade, como espaço de ensino e formação. Para Dinis (2011) a sexualidade deve ser problematizada dentro da escola.

> Questionar a sexualidade, seja ela hétero ou homossexual é entendê-la como uma construção em constante negociação com o outro e com o social e esse pode ser um passo fundamental para problematizar e pluralizar a sexualidade, compreendendo o processo que leva à formação das diversas identidades e desconstruir os pressupostos da heteronormatividade. (DINIS, 2011, p. 48)

3.4 Controle e Punição da homofobia

Quando questionados se o/a treinador/a dos/das atletas tomou conhecimento de situações homofóbicas nos treinos/competições, 60% dos respondentes afirmaram que o/a treinador/a não ficou sabendo, e apenas 3 respondentes colocaram que alguma atitude foi tomada, essas foram:

> *“Se revoltou com a situação e foi conversar com o responsável da torcida depois” (Respondente 13)*
>
> *“Pedir registro em súmula.” (Respondente 21)*

Na maior parte das respostas, viu-se que o treinador não tomou atitudes efetivas para resolução da situação, em partes por negligência, e em outras por impotência.

> *“Disse que conversou com o menino, mas não houve nada pois eles eram amigos.” (Respondente 36)*
>
> *“Não pode tomar atitudes, porque não estava ao alcance dela”. (Respondente 29).*

Borrillo (2010) mostra que a situação gay/lésbica ainda é “deixada de lado”, sem que providências sejam tomadas sobre os fatos ocorridos, daí pode-se justificar a grande violência sofrida por esses grupos, pela sensação de impunidade. Para o autor, o preconceito deve ser denunciado e discutido, a fim de conscientizar a massa.

> O processo pedagógico deverá começar pela denúncia dos conjuntos de códigos culturais e de estruturas sociais que, ao transmitirem seus valores, fortalecem os preconceitos e a discriminação contra gays e lésbicas. Deve-se, em primeiro lugar, abordar as famílias, a fim de que os pais, sejam capazes de compreender que um filho gay ou uma filha lésbica não constituem, de modo algum, um problema; em vez disso, os verdadeiros temas de preocupação devem ser a rejeição ou a não aceitação dos filhos/as em decorrência de sua orientação sexual”. (BORRILLO, 2010. P. 109)

Quando foi perguntado o que os/as entrevistados/as pensavam sobre a homofobia no esporte universitário, foi consenso que a homofobia é algo negativo e assunto é de extrema importância e deve ser debatido.

> *“Acho algo ruim em qualquer espaço seja esporte ou não, universitário ou não. Pois todos têm seus direitos e opções, assim, tais atitudes ou pensamento devem ser confrontados a ponto de acabar. Para que se conviva em tranquilidade e respeito ao próximo, pois não é porque se respeita um homossexual que você acaba sendo também, mas se torna uma pessoa íntegra e humana. Pois como em leis e constituições a liberdade é um direito de todos.” (Respondente 12)*

Nessa perspectiva, pode-se ver o caso de Diego Hypólito, ginasta brasileiro, que, com 32 anos, em 2019, declarou publicamente ser homossexual. Em entrevista para um jornal, o atleta diz:

> Quero que as pessoas saibam que eu sou gay e que eu não tenho vergonha disso. E não é porque eu sou, que outras pessoas vão querer ser. Isso não tem nada ver. Já vivi muitos anos pensando no julgamento que os outros fariam sobre mim. Hoje só aceito ser julgado por Deus (FOLHA DE SÃO PAULO, 2019).

Nas palavras do ginasta, pode-se ver refletido o comportamento de inúmeros homossexuais, que, por medo e insegurança, reprimem sua sexualidade. Segundo

Borrillo (2010), a auto coibição da homossexualidade se configura em um mecanismo de legítima defesa social.

> A economia da sexualidade, para não falar de sua repressão, encontra-se na própria base da socialização. Legitimar a homossexualidade equivale a colocar em perigo a sociedade. O amor por si e a sexualidade primitiva, atribuídos ao desejo homossexual devem ser mantidos à distância, sob pena de implicar a desintegração social da sociedade. Esse raciocínio baseia-se em uma teoria de defesa da sociedade (heterossexual) a partir da qual-no pressuposto de que a ordem antropológica (heterossexual) é ameaçada pelo indivíduo – é a heterossexualidade que deve necessariamente prevalecer. (BORRILLO, 2010, p.96)

Contudo, é importante ressaltar que a impossibilidade de assumir a própria sexualidade, é, também, uma forma de violência, da mesma forma que os ataques homofóbicos, pois impede a pessoa de ser quem ela é, tendo que viver uma imagem falsa de si nos contextos sociais. A homofobia no geral, tem se mostrado como um sistema de exclusão, humilhação e violência, processo no qual o outro é desumanizado pelas suas diferenças, as quais perpassam as barreiras do ideal heteronormativo (BORRILLO, 2010).

> *“É um reflexo da homofobia no esporte enquanto fenômeno. A lógica da agressão muitas vezes perpassa a sexualidade, raça e gênero, na intenção de reafirmar o perfil de homem cis, branco e hétero, como o cidadão de bem. É ainda mais emblemático, que no ambiente universitário que se coloca como questionador e transformador em várias esferas, quando é relacionado ao esporte, parece que tudo é permissivo, trazendo para o ritual esportivo, um lugar de extravasar todos os controles que estão na tolerância, das pessoas que não conseguiram transformar suas formas de enxergar e entender o mundo.” (Respondente 18)*

O/a respondente coloca, que, mesmo no ambiente universitário, pluridisciplinar, espaço de transmissão de conhecimento e formação social vê-se reflexos da homofobia, e no caso do esporte, serve também como válvula de escape para frustrações.

Em seu estudo, Koehler (2013) investiga o que populares entendem por homofobia, homossexualidade e outros conceitos relacionados ao tema, e, encontra que, grande parte da população ainda desconhece ou tem uma visão deturpada

sobre a temática. Em grande parte, consideram a homossexualidade uma doença. Para a autora, é necessário que o assunto seja estudado e debatido nas escolas para que a violência discriminatória seja contida.

> As políticas públicas são fragmentadas, seus instrumentos sequer possuem uma definição sobre o que é diversidade sexual e há resistências internas à incorporação da temática nos Parâmetros Curriculares Nacionais, que abordam a questão sob a ótica de gênero, sem tocar no tema orientação sexual. Pensar sobre estas questões é pensar em desenvolvimento humano e em direitos humanos. Sem políticas públicas gerais, o ambiente escolar tende à manutenção das práticas discriminatórias, desconsiderando de forma irreal que a composição humana se faz pela diversidade, com educadores e professores despreparados para lidar com a temática. (Koehler, 2013, p.148)

Em 13 de junho de 2019, foi votado no supremo tribunal federal um projeto de lei que visa incluir a homofobia e transfobia como crimes de racismo. De acordo com a Corte:

> Conforme a decisão da Corte:
> -"praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito" em razão da orientação sexual da pessoa poderá ser considerado crime;
> -a pena será de um a três anos, além de multa;
> -se houver divulgação ampla de ato homofóbico em meios de comunicação, como publicação em rede social, a pena será de dois a cinco anos, além de multa;
> -a aplicação da pena de racismo valerá até o Congresso Nacional aprovar uma lei sobre o tema. (G1, 2019)

De fato, a implantação dessas leis é importante, contudo, o ideal seria que o uso das mesmas não fosse necessário, e que o respeito e empatia fossem preponderantes no convívio social.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização dessa pesquisa possibilitou uma análise sobre a homofobia e suas manifestações no esporte universitário, contudo, vista a escassez de material, são necessários mais estudos, tanto sobre a homofobia quanto o sobre o esporte universitário.

Tendo em vista o atual cenário preconceituoso, houve dificuldade para encontrar voluntários/as para a pesquisa, pois algumas pessoas têm medo de serem taxadas de homossexuais pelo simples fato de falarem do tema. Dessa forma, alguns entrevistados/as foram breves nas respostas e não relataram seu ponto de vista, outros, entretanto, conseguiram expressar muito bem a opinião em relação ao tema.

Pode-se perceber que a homofobia está presente no esporte universitário e se manifesta principalmente em meio às torcidas. Alguns esportes como futebol, ginástica artística e voleibol são estigmatizados, ou seja, os atletas têm sua sexualidade questionada por conta da prática dessas modalidades.

Em relação à punição em casos de homofobia, viu-se que a maioria dos casos não são resolvidos, e em grande parte, os treinadores sequer tomam ciência do ocorrido. Por se tratar de um ambiente universitário, o preconceito é menos explícito, contudo, vê-se a homofobia naturalizada nas piadas e brincadeiras de cunho pejorativo.

Infelizmente a sexualidade ainda é um tabu, e deve-se desmitificar o tema, incluindo-o no currículo escolar e tornando-o de conhecimento popular, pois, a sociedade tem cada vez mais a necessidade de viver a sua própria verdade e assumir sua identidade. De fato, a homofobia é um problema social ainda muito presente, leis de proteção às vítimas estão sendo criadas, entretanto, a forma mais coerente de resolver esse problema é a conscientização. Dessa forma, faz-se de suma importância maiores estudos pertinentes às questões de gênero, sexualidade e preconceito no esporte universitário.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, U. V**. Gênero e Esportes:** quebrando tabus na aula de educação física. Rio de Janeiro, 2016.

ANJOS, Luíza. “Vôlei masculino é pra homem”: representações do homossexual e do torcedor a partir de um episódio de homofobia. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 11-24, jan./mar. de 2015;

BANDEIRA, Lourdes. Preconceito e discriminação como expressões de violência. **Revista Estudos Feministas**, 2002.

BARBANTI, V. J. **Dicionário de educação física e do esporte**. São Paulo: Editora Manole Ltda, 1994;

BRASIL. Decreto-Lei nº 3.617. Estabelece as bases de organização dos desportos universitários; **Diário oficial da república federativa do Brasil**, Brasília, DF, 1942. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/1937-1946/Del3617.htm> acesso em: 10 nov 2018;

BRITZMAN, P. D. What is the thing called love. **Revista Taboo**, volume 1, Ed. Peter Lang, 1995.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero e Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 2003;

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS UNIVERSITÁRIOS. **Desporto Universitário:** Perfil e proposta de Reformulação. Brasília: 1991;

ELIAS, Norbert; e DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1987

FOLHA DE SÃO PAULO. Diego Hypolito assume ser homossexual e fala de abusos na ginástica. **UOL**, 2019. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2019/05/diego-hypolito-assume-ser-homossexual-e-fala-de-abusos-na-ginastica.shtml> acesso em: 28 maio 2019.

FOUCAULT. Michel. **História da Sexualidade** - I; A Vontade de Saber. Rio de Janeiro, Graal, 1985.

FRY, Peter; MacRAE, Edward**. O que é homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

G1 notícias. STF permite criminalização da homofobia. **G1**, 2019. Disponível em < https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/06/13/stf-permite-criminalizacao-da-homofobia-e-da-transfobia.ghtml> acesso em: 14 jun 2019.

HATZIDAKIS, Georgios. **Perfil da atividade esportiva principal de atletas universitários participantes de competições esportivas universitária oficiais**. Monografia UNIFEC São Caetano do Sul, 1993;

KOEHLER, S. M. F. **Homofobia, cultura e violências: a desinformação social.** Revista Interacções no. 26, pp. 129-151 (2013 – número especial)

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**.: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. **Um corpo estranho**: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MOUILLAUD, Maurice. A informação ou a parte da sombra. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). **O jornal da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo 15, 1997;

NIGRO. I. S. Masculinidade: preciosa como diamante, frágil como cristal. **Revista eletrônica de psicologia**, volume 30, nº1, 2018.

OLIVEIRA. S. G. **Gestão organizacional nas atléticas:** um estudo sobre gerenciamento das Associações Atléticas Acadêmicas do DF. Brasília. 2016.

REIS, Toni. **Ideologia de gênero:** uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros. Campinas, 2017.

ROSA, Rodrigo Braga do Couto. **Enunciações afetadas: relações possíveis entre homofobia e esporte**. 2010. 210f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) -

Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010

_____. **Homofobia e Esporte na Produção da Educação Física Brasileira** (1979-2007). 2008. 54f. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

SOARES. F. L. **Homofobia: o esporte como templo da heteronormatividade.** Universidade Federal do Maranhão, 2018.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K**. Métodos de pesquisa em atividade física**. 6ª ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2002;

TOLEDO, L. H. Por que xingam os torcedores de futebol? **Cadernos de campo**, nº3, 1993.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987;

APÊNDICE

Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) aos professores

Homofobia no Esporte Universitário: percepção dos atletas

Bruno Maciel França (orientando)

Prof. Doutora Elaine Prodócimo (orientador)

Número do CAAE: 99776918.6.0000.5404

Você está sendo convidado a atuar como participante de uma pesquisa sobre homofobia no esporte universitário. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos. Ao aceitar esse termo, você acessará o conteúdo do questionário referente ao estudo. Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de aceitá-lo, você poderá esclarecê-las com o pesquisador. Caso você não quiser participar ou retirar sua autorização, a qualquer momento, não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo. Isso poderá ser feito por meio de mensagem por e-mail ao pesquisador.

Justificativa e objetivos:

A pesquisa proposta como trabalho de conclusão de curso, de responsabilidade do pesquisador Bruno Maciel França, sob a orientação da Professora Dra. Elaine Prodócimo da [redacted], consiste em identificar a ocorrência de homofobia no esporte universitário. A pesquisa terá uma característica qualitativa e sua participação como participante será de grande relevância.

Procedimentos:

O levantamento de informações será feito por meio do preenchimento de um questionário eletrônico. Todos os atletas cadastrados na Associação Atlética [redacted] serão contatados por meio de endereços eletrônicos e convidados a participarem do estudo.

Desconfortos e riscos:

Você não deve aceitar participar deste estudo se houver qualquer relato de constrangimento ou desconforto causado pela pesquisa aos participantes. Você poderá ter acesso a todas as informações referentes aos resultados desta pesquisa, em qualquer etapa do estudo, bem como retirar-se do estudo a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. Não há riscos previsíveis com a participação no estudo. Esclareço ainda que sua identidade, não será divulgada sob quaisquer circunstâncias, havendo garantia do sigilo. Todas as informações servirão exclusivamente para fins de pesquisa.

Indenização:

Caso haja algum dano decorrente da pesquisa você será devidamente indenizado.

Benefícios:

Esta pesquisa não possui benefícios diretos aos participantes envolvidos e os benefícios indiretos do estudo são delineados pelo aumento e aprofundamento do conhecimento e compreensão acerca da questão da homofobia no esporte universitário, podendo contribuir com ações futuras em torno na temática.

Sigilo e privacidade:

Você tem a garantia de que sua identidade será mantida em sigilo e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Na divulgação dos resultados desse estudo, seu nome não será citado.

Armazenamento de material:

O material referente à pesquisa realizada contará com as respostas do questionário e será utilizado somente durante o tempo da elaboração da pesquisa e armazenado durante o período de cinco anos, após o período descrito todo o material será descartado.

Ressarcimento:

Pela participação você não receberá qualquer valor em dinheiro, mas terá a garantia de que todas as despesas necessárias à realização da pesquisa não serão de sua responsabilidade. Todo o estudo será realizado online.

Contato:

Em caso de dúvidas sobre o estudo, você poderá entrar em contato com os pesquisadores pelo telefone (19) 98292-4288, pelo endereço [redacted] ou pelo email: brunomacielf@hotmail.com.br Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você pode entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) [redacted]

Responsabilidade do Pesquisador: Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 466/2012 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma cópia deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado. Comprometo-me a utilizar os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.